



Título do original: *The Marseille Tarot Revealed*.

Copyright © 2017 Yoav Ben-Dov.

Copyright das cartas © 2011, 2015 Yoav Ben-Dov.

Publicado originalmente por Llewellyn Publications, Woodbury, MN 55125 – USA – www.llewellyn.com

Copyright da edição brasileira © 2020 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

1ª edição 2020.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revista.

A Editora Pensamento não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Gerente editorial: Roseli de S. Ferraz

Gerente de produção editorial: Indiara Faria Kayo

Editoração eletrônica: S2 Books

Revisão: Vivian Miwa Matsushita

Capa: Lucas Campos / INDIE 6 Design Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Ben-Dov, Yoav, 1957-2016

O tarô de Marselha revelado : um guia completo para o seu simbolismo, significados e métodos / Yoav Ben-Dov ; tradução Denise de Carvalho Rocha. --São Paulo: Editora Pensamento, 2020.

Título original: *The Marseille tarot revealed*

ISBN 978-85-315-2126-3

1. Tarô I. Título.

20-33205

CDD-133.32424

Índices para catálogo sistemático:

1. Tarô de Marselha : Artes divinatórias : Ciências ocultas 133.32424

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1ª Edição digital 2020

eISBN: 978-85-315-2135-5

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 – 04270-000 – São Paulo – SP

Fone: (11) 2066-9000

<http://www.editorapensamento.com.br>

E-mail: atendimento@editorapensamento.com.br

Foi feito o depósito legal.

DESCUBRA O TARÔ DE MARSELHA!

Este livro apresenta a fascinante história deste misterioso tarô e sugestões práticas sobre como usá-lo em leituras sobre uma grande variedade de questões. Yoav Ben-Dov explica o significado dos símbolos clássicos do Tarô de Marselha e descreve em detalhes técnicas de leitura que vão ajudar você a ativar a sua própria intuição. O Tarô de Marselha Revelado explica tudo que você precisa saber para começar ou aprofundar sua prática de leitura do Tarô de Marselha, incluindo:

- Tarôs clássicos de Marselha
- Novos tarôs de Marselha
- A escola francesa
- A escola inglesa
- O tarô e a Nova Era
- Como manusear e embaralhar as cartas
- O significado de cada carta
- Tiragens básicas
- Cartas invertidas
- A linguagem simbólica do tarô

Copyrighted image

SUMÁRIO

Copyrighted image

Capa

Folha de rosto

Créditos

Prefácio

Capítulo 1. As Cartas de Tarô

Origens do tarô

A escola francesa

A escola inglesa

O tarô e a Nova Era

O Tarô de Marselha

Novos tarôs ingleses

Novos tarôs de Marselha

O CBD Tarot de Marseille

Capítulo 2. A Sessão de Leitura das Cartas

Tudo é um sinal

O Espaço da Leitura

Como manusear as cartas

Como embaralhar as cartas

A dinâmica da sessão

Qual é a pergunta?

Capítulo 3. A Leitura das Cartas

O significado das cartas

A tiragem básica

O quadro completo

Alguns exemplos

Cartas Invertidas

Capítulo 4. A Linguagem Simbólica

Direções

Cores

Números

Figuras

Partes do corpo

Capítulo 5. Os Arcanos Maiores

Os Arcanos Maiores no centro

Ordem e Caos

Títulos e números

Escada da Criação

Partes dos Arcanos Maiores

Proximidade e Exposição

A Jornada do Louco

Letras Hebraicas

Capítulo 6. Os Arcanos Maiores

Carta 1: O Mago

Carta 2: A Papisa

Carta 3: A Imperatriz

Carta 4: O Imperador

Carta 5: O Papa

Carta 6: O Amante (ou O Enamorado)

Carta 7: O Carro

Carta 8: A Justiça

Carta 9: O Eremita

Carta 10: A Roda da Fortuna

Carta 11: A Força

Carta 12: O Enforcado (ou O Pendurado)

Carta 13

Carta 14: A Temperança

Carta 15: O Diabo

Carta 16: A Torre

Carta 17: A Estrela

Carta 18: A Lua

Carta 19: O Sol

Carta 20: O Julgamento

Carta 21: O Mundo

O Louco

Capítulo 7. Os Arcanos Menores

Os símbolos dos naipes

Os domínios dos naipes

Naipes suaves e duros

Correspondências

A leitura dos Arcanos Menores

A Tiragem em fileira

Capítulo 8. Os Ases

Ás de Ouros

Ás de Copas

Ás de Paus

Ás de Espadas

Capítulo 9. As Cartas da Corte

Posições e Naipes

As figuras humanas

Tabela e imagem

As quatro posições

Valete de Ouros

Cavaleiro de Ouros

Rainha de Ouros

Rei de Ouros

Valete de Copas

Cavaleiro de Copas

Rainha de Copas

Rei de Copas

Valete de Paus

Cavaleiro de Paus

Rainha de Paus

Rei de Paus

Valete de Espadas

Cavaleiro de Espadas

Rainha de Espadas

Rei de Espadas

Capítulo 10. As Cartas Numéricas

A leitura das cartas numéricas

A linguagem das direções

O desenho geral

Os quatro naipes

Interpretações das Cartas Numéricas

2 de Ouros

3 de Ouros

4 de Ouros

5 de Ouros

6 de Ouros

7 de Ouros

8 de Ouros

9 de Ouros

10 de Ouros

2 de Copas

3 de Copas

4 de Copas

5 de Copas

6 de Copas

7 de Copas

8 de Copas

9 de Copas

10 de Copas

2 de Paus

3 de Paus

4 de Paus

5 de Paus

6 de Paus

7 de Paus

8 de Paus

9 de Paus

10 de Paus

2 de Espadas

3 de Espadas

4 de Espadas

5 de Espadas

6 de Espadas

7 de Espadas

8 de Espadas

9 de Espadas

10 de Espadas

Capítulo 11. Outras Tiragens

Extensões da tiragem básica

A tiragem da escolha

A tiragem com base numa forma

A tiragem das palavras

Capítulo 12. Interpretações Rápidas

Os Arcanos Maiores

Ouros

Copas

Paus

Espadas

Copyrighted image

PREFÁCIO

Copyrighted image

Existe magia no tarô.

Conhecido originalmente como um tipo mais modesto de jogo de azar, durante vários séculos esse conjunto misterioso de 78 cartas deu asas à imaginação de inúmeras pessoas. Algumas usavam as cartas como instrumento de adivinhação e para ler a sorte. Outras viam o tarô como um repositório secreto de conhecimento antigo e poderoso. Hoje muitos usam as cartas de tarô como um instrumento para consulta, orientação e tomada de

decisões. Também existem aqueles que as utilizam como um auxílio visual para a visualização orientada e a meditação, ou como amuletos mágicos. E, no decorrer desses séculos, incontáveis vidas humanas foram orientadas e às vezes transformadas pela leitura das cartas de tarô.

Eu estudo o tarô há 34 anos: lendo as cartas para as pessoas, ensinando, escrevendo e experimentando novas tiragens. Ainda estou aprendendo sobre ele. As sutis complexidades dos detalhes das ilustrações continuam a me surpreender. Nunca deixo de descobrir significados novos e inesperados. E ainda fico impressionado quando as pessoas se abrem e compartilham seus sentimentos mais íntimos numa sessão de leitura, quando a carta certa aparece para alguém em necessidade ou uma coincidência inexplicável, mas significativa (também chamada “sincronicidade”), acontece na presença das cartas de tarô.

Porém, se você perguntar o que é o tarô, eu diria que, antes de tudo, ele é uma obra de arte – não como um quadro, emoldurado e pendurado na

parede, considerado um produto acabado, que não pode ser alterado, mas como um conjunto excêntrico de imagens para se manusear e jogar, que evoluiu ao longo de muitas gerações, graças aos esforços coletivos dos criadores das cartas e de pessoas visionárias. Trata-se de um trabalho artístico maravilhoso, tão rico e flexível que é capaz de abranger toda a gama de experiências humanas, desde os nossos sentimentos mais íntimos até os acontecimentos externos da vida cotidiana. E é por meio dessa arte, dos detalhes das ilustrações das cartas, que a magia do tarô se revela.

O objetivo deste livro é triplo. Primeiro, ele é uma introdução geral às cartas de tarô e ao processo de leitura. Como tal, pode ser relevante tanto para quem deseja ler as cartas para si mesmo ou para outras pessoas, quanto para quem está interessado na leitura do tarô como um dispositivo psicológico, como um fenômeno cultural ou como uma maneira de encontrar significados numa obra de arte. Em segundo lugar, ele é um guia para um método de leitura de cartas que eu chamo de “leitura aberta”, cuja base reside em examinar as ilustrações das cartas em vez de decorar interpretações fixas. A leitura aberta pode ser aplicada a diferentes tipos de carta de tarô, embora ela funcione de modo mais eficaz com alguns do que com outros. Em terceiro lugar, ele é um manual para você interpretar o Tarô de Marselha, que é a versão clássica do tarô tradicional. Ele usa, em particular, o CBD Tarot de Marseille, uma edição das cartas que eu restaurei com base na sua versão histórica mais influente, originalmente publicada por Nicolas Conver em 1760.

Sejam bem-vindos ao universo do tarô!

CAPÍTULO 1



AS CARTAS DE TARÔ

O baralho de tarô é composto de 78 cartas, ou lâminas, que podem ser divididas em dois grupos. O primeiro grupo é chamado de Arcanos Maiores e que consiste em 22 cartas numeradas, cada qual com ilustrações elaboradas e um nome específico. Os Arcanos Maiores mostram imagens de pessoas e animais, juntamente com muitos objetos e símbolos. Algumas delas são cenas da vida em sociedade. Outras representam temas mitológicos, religiosos ou filosóficos.

As 56 cartas remanescentes também são subdivididas em quatro naipes. Chamadas de Arcanos Menores, elas têm um desenho mais simples do que as cartas dos Arcanos Maiores. Os nomes atribuídos a esses quatro naipes advêm de quatro objetos simbólicos: moedas (Ouros), bastões ou hastes (Paus), cálices (Copas) e espadas (Espadas). Cada um dos Arcanos

Menores consiste em catorze cartas de três tipos: um Ás, nove cartas numeradas (do 2 ao 10) e quatro cartas da corte, identificadas pela posição das figuras na sociedade: Valete (também chamado de Pajem), Cavaleiro, Rainha e Rei. A estrutura dos Arcanos Menores é muito semelhante à das cartas comuns, que também têm quatro naipes. A principal diferença é que as cartas comuns têm apenas três cartas da corte: o Valete, a Dama e o Rei.

Os livros de tarô às vezes atribuem nomes diferentes às cartas. Os Arcanos Maiores e Menores (da palavra latina *arcanum*, “mistério”) são às vezes chamados de Naipes Maiores e Menores. As cartas dos Arcanos Maiores também são chamadas de “trunfos” (ou “triunfos”), enquanto o Ás e as cartas numéricas às vezes são chamados de “*pip cards*” (em referência aos pontos, ou pintas, que indicam a ordem numérica das cartas).


ORIGENS DO TARÔ

Dúvidas sobre o criador original das cartas de tarô, a época e o local da sua criação, o significado de seus símbolos complexos e até mesmo a origem do nome “tarô” há muito têm sido debatidas, inspirando tanto uma erudição séria quanto uma especulação insana. A maioria dos historiadores hoje acredita que as cartas de tarô apareceram pela primeira vez no norte da Itália, aproximadamente no início do século XV. Eles também afirmam que o tarô sofreu mudanças significativas, antes de se consolidar na forma como o conhecemos hoje.

Os dois grupos de cartas de tarô provavelmente provêm de fontes diferentes. Acredita-se que os Arcanos Menores tenham se originado das cartas de jogo usadas primeiramente na China. Depois, propagaram-se pela Índia, antes de chegarem à Itália, na Idade Média, através de países islâmicos. Na verdade, a China e a Índia têm antigos jogos de cartas com naipes que consistem em Ases, cartas numeradas e cartas da corte. Cartas de jogo muçulmanas do período mameluco contêm até mesmo símbolos que são visualmente muito semelhantes aos quatro símbolos dos naipes do tarô.

O Mago, 6 de Ouros, Ás de Paus, Cavaleiro de Copas, 3 de Espadas

Os Arcanos Maiores, por outro lado, parecem ser uma invenção europeia. Não há nada semelhante a eles nos países asiáticos, e suas imagens claramente indicam influências medievais tardias ou do início do Renascimento. Os registros históricos não nos fornecem nenhuma dica sobre a razão por que eles foram criados ou passaram a ser associados às cartas de tarô com quatro naipes, provenientes do Oriente. O que sabemos é que, do século XV em diante, o tarô composto de Arcanos Maiores e Menores foi amplamente utilizado em jogos de azar, tanto pela aristocracia quanto pelas pessoas do povo.

Também não está claro por que o baralho composto de Arcanos Maiores e Menores se tornou conhecido pelo nome de tarô. Existem várias hipóteses. Minha favorita liga o termo *tarô* à palavra *taroccho*, que na Itália do século XVI significava “tolo, burro”. Isso pode, naturalmente, ser entendido negativamente, como uma sugestão de que só os tolos desperdiçavam seu tempo e dinheiro com jogos de cartas como o tarô. Mas podemos, no entanto, pensar em outras interpretações. Entre os Arcanos Maiores, existe uma carta chamada “O Louco”,  que é muitas vezes considerada especial e, como veremos mais adiante, tem um *status* único. O significado original da expressão “cartas de tarô” pode, assim, ter sido “cartas do tolo” (ou “louco”), numa referência a essa carta em particular ou à figura que nela aparece.

Ao longo dos séculos seguintes, o uso do tarô disseminou-se por diferentes partes da Itália e posteriormente migrou para países como França, Alemanha e Suíça. Há algumas evidências esparsas do uso das cartas de tarô na adivinhação popular e, provavelmente, na feitiçaria. No entanto, esses parecem ser casos isolados, não uma prática generalizada. Durante essa época, as cartas de tarô eram utilizadas principalmente para jogos, mas a combinação dos dois Arcanos Maiores e Menores, provou ser demasiadamente complexa para jogos de cartas. Os jogadores, por fim, preferiram o padrão mais simples, de apenas quatro naipes, com Ases, números e cartas da corte. Este se tornou o tarô comum, hoje usado em todo o mundo.

O tarô completo continuou a existir, mas após o século XVIII, passou a ser usado principalmente por cartomantes e místicos. Em várias partes da Europa, ainda se pode encontrar jogos de cartas tradicionais compostos de 78 cartas, parecidas com as do tarô, mas essa é uma prática de pouca importância hoje em dia.


Historiadores acadêmicos que estudaram o tarô tendem a acreditar que a história do tarô se resume a isso. Na opinião deles, as pessoas da época usavam as cartas com o único propósito de jogar, sem prestar muita atenção ao simbolismo das imagens. No entanto, mesmo sem ter provas sólidas de que algo está faltando nessa história, é difícil compreender o papel dos Arcanos Maiores nesses jogos. Se as pessoas na Itália simplesmente queriam adotar um jogo de cartas do Oriente, por que torná-lo mais complicado, adicionando 22 cartas de caráter tão diferente? Na verdade, usuários de cartas na Europa posteriormente descobriram que era muito mais conveniente jogar sem elas.

A questão parece ainda mais intrigante quando consideramos as imagens das cartas dos Arcanos Maiores. Duas cartas contêm imagens do Imperador e do Papa. Essas eram figuras tradicionais de autoridade política e religiosa na época. Mas outras cartas apresentam temas e figuras estranhas, como uma papisa, um diabo bissexual, um esqueleto com uma foice, demônios e anjos, e uma série de figuras despidas. Todas essas

parecem estar no mesmo nível que as figuras de autoridade e ordem social. Uma carta chamada Roda da Fortuna ainda mostra uma imagem que tradicionalmente representa revoluções e a derrubada de governantes. Numa época em que qualquer desrespeito ao rei ou à Igreja era punido com severidade, a divulgação dessa coleção de imagens rebeldes pareceria mais um convite para se arranjar problemas.

Outro ponto a se lembrar é o fato de que as imagens das cartas não têm nenhum significado num jogo de azar. As regras dos jogos de cartas normalmente referem-se apenas à posição e ao valor de cada carta, não aos detalhes da ilustração de cada uma delas. As mesmas cartas poderiam ser jogadas exatamente da mesma maneira, mesmo que suas imagens fossem substituídas, por exemplo, por um desenho simples composto apenas de números e títulos, com adornos inocentes. Porém, durante quase quatro séculos, os desenhistas das cartas de tarô preservaram as imagens originais. Eles, na verdade, expressaram sua criatividade modificando certos detalhes, mas a estrutura geral e os temas das cartas continuaram praticamente os mesmos.

Copyrighted image



O Imperador, O Papa, A Papisa, O Diabo

Por que fizeram isso? Por que aqueles que manufaturavam cartas de tarô insistiam em preservar um conjunto de imagens carregadas de um simbolismo pesado e perigoso, se isso era irrelevante para os jogos dos

clientes? E como foi que um modesto baralho de cartas adquiriu um conjunto de símbolos suficientemente rico e poderoso para inspirar séculos de variadas interpretações, especulações e atividades, como mostra a história posterior do tarô?

Várias respostas foram oferecidas a essas perguntas. Como veremos mais adiante, muitos autores que atribuíram significados místicos às cartas acreditavam que o tarô foi criado por sábios antigos que desejavam expressar uma mensagem espiritual secreta sob o disfarce de cartas de jogo aparentemente inócuas. De acordo com esses autores, o segredo dessas cartas foi transmitido de um fabricante de cartas de tarô para outro, ao longo de várias gerações. Essa tradição não escrita explicava o verdadeiro significado de cada carta e instruía os fabricantes a preservar as ilustrações originais. Em outras palavras, os fabricantes de tarô eram uma espécie de cúmplices numa conspiração que manipulava os jogadores de cartas europeus, disseminando uma mensagem antiga, sem nem mesmo estar a par do seu significado real.

Copyrighted image



Carta 13, A Estrela, O Amante, A Roda da Fortuna

Ainda assim, como teoria histórica, essa ideia é bastante problemática. É difícil explicar como esse segredo foi preservado ao longo de séculos de guerras e levantes sociais sem nunca ter sido revelado. E tampouco está claro por que, depois de quatro séculos de transmissão contínua, a antiga tradição de repente desapareceu sem deixar vestígios, justo quando o

interesse pelo significado das cartas de tarô se disseminava. Pelo menos, nenhum fabricante de cartas tradicionais disse qualquer coisa sobre isso desde o início do século XIX, quando as cartas de tarô começaram a chamar a atenção.

E se não existisse tal tradição secreta? Se aceitarmos essa possibilidade, então deve ter existido, durante séculos, algo nas imagens que afetava a mente das pessoas, motivando-as a preservar esse antigo conjunto de símbolos. Seguindo essa linha de raciocínio, podemos notar que muitos autores que propagavam a teoria da “sociedade secreta” dão a impressão de pertencer a um grupo altamente disciplinado de sábios iniciados, com uma forte motivação espiritual. No entanto, é mais razoável pensar que, como jogo de azar, as cartas de tarô na verdade existiam em áreas sociais limítrofes, como clubes de apostas, de bebidas e de prazeres baratos. A própria manufatura de cartas de tarô parece ter sido uma ocupação de reputação duvidosa. Na verdade, muitos relatos históricos estão relacionados a cartas pirateadas, forjadas e contrabandeadas. Assim, pode ser mais sensato pensar nas cartas de tarô como uma arte coletiva que evoluiu, não de ensinamentos sublimes em templos secretos de sabedoria e espiritualidade, mas dos círculos populares, marginais e de pouca legitimidade.

Qual era, então, o papel desses símbolos complexos, imbuídos de tão fortes significados espirituais e emocionais, nos jogos de azar, de teor tão duvidoso? Uma possibilidade é buscar uma resposta psicológica. Talvez as imagens das cartas de alguma forma refletissem os conflitos e os dilemas subconscientes dos jogadores. Talvez, nos próprios lugares em que a autoridade estatal (o Imperador) e a Igreja (o Papa) perderam seu poder de convicção, as pessoas precisassem de um lembrete da complexa interação entre luz e escuridão na vida humana. Devemos lembrar, é claro, que as pessoas da época eram muito religiosas, portanto a ideia de fazer algo proibido devia despertar seus conflitos e medos mais profundos. Talvez a contemplação de símbolos complexos de algum modo as ajudasse a manter um equilíbrio moral, enquanto flertavam com o mundo obscuro e tentador

do pecado. Essa ideia pode explicar por que elas não queriam que as imagens fossem substituídas por outras, menos carregadas.

No entanto, algo no caráter evasivo e misterioso do tarô pode nos inspirar a ir além de meras explicações psicológicas. Podemos pelo menos brincar com a ideia de que isso não era tudo. Talvez a magia das cartas represente alguma magia real neste mundo. Talvez haja um padrão significativo que se origine em outro nível de realidade, que as cartas de tarô canalizem e expressem no nível humano.

O termo “canalização” geralmente está associado a uma mensagem de um nível superior de realidade transmitida para o nosso mundo por meio da mente de uma única pessoa. No entanto, as cartas de tarô podem representar outro tipo de canalização – não uma única mensagem transmitida por uma única pessoa, mas sim uma rede de pequenas mensagens plantadas na mente subconsciente de muitas pessoas, em diferentes tempos e lugares.

Pode-se pensar nas cartas de tarô como uma canalização coletiva, com cada pessoa vivenciando a mensagem como um pequeno impulso ou ímpeto intuitivo. Uma pessoa pode sentir o desejo de imprimir um conjunto de cartas para preservar símbolos antigos. Outra pode ter o desejo de aperfeiçoá-lo, modificando um ou outro detalhe. Outras podem ter uma preferência intuitiva por uma versão específica das cartas e assim por diante. O impulso pode ser pequeno e quase imperceptível no nível de um único indivíduo. Às vezes, ele provoca uma ação real, enquanto em outros casos permanece como um impulso obscuro e insatisfeito. É o impacto coletivo de todos esses pequenos impulsos que finalmente dá origem à evolução em larga escala das cartas de tarô na história humana.

A ESCOLA FRANCESA

Nos primeiros séculos após o surgimento das cartas de tarô, os seus significados simbólicos não receberam muita atenção. Existem dois tratados escritos na Itália do século XVI que conferem uma interpretação moralista ao tarô, mas seu impacto parece ter sido pequeno e de curta

duração. Além desses dois documentos, registros escritos sobre o tarô desse período referem-se apenas à produção das cartas ou ao seu uso em jogos de azar.

Uma reviravolta significativa na história da interpretação do tarô ocorreu em 1781. Um erudito e místico francês chamado Antoine Court de Gébelin publicou um volumoso tratado em oito volumes, em sua maior parte ficcional, intitulado *O Mundo Primevo, Analisado e Comparado ao Mundo Moderno*. Entre uma série de outras coisas, o tratado de Gébelin continha uma discussão detalhada sobre o tarô. Esse volume foi o primeiro registro escrito das cartas de tarô, tanto em seu uso popular para leitura da sorte quanto para jogos. Na visão de Gébelin, porém, as pessoas que usavam o tarô só para jogos e para a leitura da sorte estavam deixando de ver todo o seu potencial. Na verdade, afirmava ele, elas tinham nas mãos a chave secreta para um repositório antigo de conhecimento que, uma vez decifrado, poderia lhes conferir poderes misteriosos e um entendimento mais profundo do universo.

Na visão de Gébelin, as cartas de tarô eram um sofisticado dispositivo criado por antigos sábios egípcios especialistas em magia e no oculto. Com a finalidade de preservar segredos ocultos para as futuras gerações, eles os transmitiram na linguagem das ilustrações simbólicas. Para ocultar de modo ainda mais eficiente esse poderoso conhecimento de olhos que não o mereciam, eles decidiram colocá-lo à vista de todos, mas disfarçado de um aparentemente inócuo jogo de azar. Dessa maneira, as pessoas propagaram as ilustrações de geração em geração, sem se dar conta do seu significado mais profundo.

As especulações de Gébelin sobre o Egito Antigo não são encaradas com seriedade nos dias de hoje, mas na época suas ideias foram muito influentes. A leitura da sorte com cartas tornou-se moda nos salões parisienses e chegaram às cortes de Napoleão. Inúmeros cartomantes usavam as cartas comuns de jogo, mas alguns mais sofisticados, inspirados pela suposta conexão com sublimes mistérios egípcios, adotaram o tarô.

O uso das cartas de tarô para a leitura da sorte continuou ganhando popularidade na primeira metade do século XIX, mas as ideias de Gébelin sobre o significado mais profundo dos símbolos das cartas foram praticamente ignoradas. A maioria das pessoas estava só interessada em ler a própria sorte. Novos tarôs foram impressos com esse propósito, com ilustrações simples e diretas substituindo os desenhos tradicionais. Aos poucos, a questão toda foi considerada algo entre a divinação supostamente sobrenatural e um passatempo social divertido.

Em meados do século XIX, um grupo de místicos franceses começou a desenvolver as ideias de Gébelin, dedicando-se à questão com mais seriedade. Embora não tivessem uma ligação direta com o judaísmo, esses místicos estavam interessados na tradição mística chamada Cabala, pois achavam que tanto o tarô quanto a Cabala tinham se originado no Egito Antigo, como duas representações diferentes, mas paralelas, do mesmo conhecimento secreto.

O mais influente dos místicos franceses que estudaram o tarô foi Alphonse Louis Constant, que, inspirado pelo seu interesse na Cabala, adotou o nome pseudo-hebraico de Eliphas Lévi. Lévi acreditava que, por trás de métodos de misticismo prático como a leitura da sorte, a magia e a feitiçaria, havia leis e regras ocultas comparáveis às da ciência moderna. Ele também acreditava que essas leis eram conhecidas pelos sábios egípcios e que a Cabala e o tarô eram duas representações dessas leis. Na visão dele, portanto, seria possível criar uma espécie de dicionário em que cada carta de tarô correspondesse a um símbolo cabalístico. Com a ajuda de tal dicionário, poder-se-ia entender melhor as leis da magia, baseando-se tanto nos textos cabalísticos como no tarô.

No sistema delineado por Lévi, as 22 cartas dos Arcanos Maiores correspondiam às 22 letras do alfabeto hebraico, às quais antigos textos cabalísticos atribuíam significados místicos e poderes mágicos. Os quatro naipes corresponderiam às quatro letras do *tetragrammaton*, o nome de Deus em hebraico, cujo poder mágico é tamanho que nunca deve ser pronunciado. Lévi posteriormente associou as dez cartas de cada naipe (os

Ases e os números) ao famoso esquema cabalístico chamado Árvore Sefirot, ou Árvore da Vida, que descreve dez diferentes aspectos da essência divina. Usando essas correspondências como base, ele desenvolveu toda uma teoria de misticismo e forças mágicas na qual as cartas de tarô tinham um papel central.

As ideias de Eliphas Lévi iniciaram o que podemos chamar de escola francesa de tarô. Seus escritos ganharam popularidade na França durante a segunda metade do século XIX e, por fim, deram origem a toda uma tradição de interpretação das cartas de tarô, em termos místicos e cabalísticos. Muitos tarólogos, especialmente na França, ainda se inspiram nessa tradição nos dias de hoje. Na escola francesa de tarô, as ilustrações das cartas são normalmente tradicionais (com algumas exceções, em tarôs mais modernos) e o uso de correspondências segue o esquema de Lévi. Em países anglófonos, por outro lado, o tarô se tornou popular graças à influência de outra escola, que alterou tanto as correspondências quanto as ilustrações das cartas.

A ESCOLA INGLESA

No final do século XIX, as ideias de Lévi chegaram à Inglaterra, onde foram adotadas por uma associação de místicos conhecida como Hermetic Order of the Golden Dawn, ou Ordem Hermética da Aurora Dourada. Os líderes da Aurora Dourada tinham o trabalho de Lévi em alta conta, mas também introduziram modificações significativas em seus ensinamentos, acabando por criar uma nova tradição: a escola inglesa de tarô.

Como Lévi, os membros da Aurora Dourada acreditavam que os antigos sábios tinham acesso a uma sabedoria arcana de forças mágicas. Também acreditavam que, em mãos erradas, esse poderoso conhecimento poderia ser usado com propósitos maléficos. Por isso, ele foi mantido sob a custódia de um pequeno círculo de mestres espirituais, que solenemente juraram mantê-lo em segredo. Por muitas gerações, esses mestres ocultos distribuíram parte do conhecimento para o resto da humanidade. No entanto, a fim de evitar abuso, fizeram isso de maneira gradual e

fragmentada. Mitos, tradições religiosas e rituais mágicos em diferentes culturas, assim como sistemas simbólicos como a Cabala e o tarô, são todos eles expressões do mesmo conhecimento secreto. Cada um deles, porém, contém muitos erros, distorções e sugestões equivocadas, algumas intencionais e outras que foram se acumulando em decorrência da transmissão imprecisa ao longo dos anos. Somente nos últimos tempos, a humanidade alcançou um novo estágio de desenvolvimento em que se viu capaz de lidar com todo conhecimento, e os mestres ocultos escolheram os líderes da Aurora Dourada para reconstituí-lo e ensiná-lo.

Com isso em mente, os líderes dessa ordem expandiram as ideias de Lévi a respeito do dicionário. Para corrigir os erros e as omissões de cada tradição, criaram uma imensa tabela de correspondências, combinando símbolos, mitologias e sistemas místicos do mundo todo. Como base nessa tabela, usaram dois conjuntos de símbolos que consideraram as expressões mais precisas do conhecimento antigo: a Cabala e o tarô. De maneira muito parecida com a de Lévi (mas, como veremos no Capítulo 5, diferente nos detalhes), cada carta do tarô foi associada a uma letra do alfabeto hebraico. Na tabela da Aurora Dourada, no entanto, havia muitas outras colunas, correlacionando a carta e sua letra com uma série de símbolos mágicos e divindades de diferentes culturas, como, por exemplo, o Egito Antigo, a Índia, a China, o Islã, a mitologia grega, a astrologia, a alquimia, várias tradições de magia e feitiçaria, e assim por diante.

Os líderes da Aurora Dourada também criaram um tarô com um novo desenho baseado na tabela de correspondências. Em algumas cartas mantiveram as imagens originais, mas acrescentaram alusões e referências a outras tradições, enquanto outras cartas foram completamente redesenhadas com novos temas. Para manter tudo em segredo, estudantes da ordem recebiam uma cópia do tarô por um curto intervalo de tempo, durante o qual podiam copiá-lo à mão para seu próprio uso. No final, porém, nem o original nem as cópias foram encontradas. Hoje temos apenas algumas reconstituições do tarô da Aurora Dourada, baseadas nas coleções pessoais e em poucas descrições escritas deixadas pelos iniciados.

O TARÔ E A NOVA ERA

Um dos membros mais influentes da Aurora Dourada foi Aleister Crowley, que, muito pouco modesto, via a si mesmo como um profeta incumbido de anunciar a nova era da humanidade. De acordo com ele, o curso da história poderia ser dividido em três eras. A primeira correspondia à “era da Mãe”, na qual a religião enfocava ritos naturais e divindades femininas. Cerca de dois mil anos atrás, começou a “era do Pai”, expresso pelas religiões como uma única divindade masculina. Hoje estamos testemunhando o nascimento da terceira era: a “era do Filho”, caracterizada pela jocosidade, pela criatividade e pelo pluralismo de divindades.

Ao escrever no início do século XX, Crowley predisse que métodos de magia e misticismo prático mantidos em segredo em eras passadas se tornariam extensamente conhecidos e encontrariam uma nova harmonia com a ciência e a tecnologia. A experiência mística voltaria a ser uma parte vital da existência humana e, para atingi-la, as pessoas praticariam vários métodos – desde yoga e meditação até cultos pagãos, rituais de magia, sexualidade, dança e drogas.

A personalidade problemática de Crowley acabou por provocar muitos escândalos, mas seu trabalho criativo era amplo e completo. Ele reconfigurou o sistema simbólico da Aurora Dourada e popularizou-o em seus livros. Nos anos de 1940, também publicou um novo tarô que expressava suas ideias. Durante várias décadas, suas ideias foram compartilhadas apenas com pequenos grupos marginais, mas, durante a década de 1960 o conceito de “nova era” de Crowley teve grande repercussão na contracultura alternativa. Seu rosto chegou até a figurar na famosa capa do álbum de 1967 dos Beatles, *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band*, e símbolos dos seus ensinamentos aparecem muitas vezes na cultura musical do rock.

A combinação entre um interesse renovado pelo misticismo e a contracultura dos anos 1960, voltada para o amor e a liberdade, deu origem à Nova Era, um movimento pluralístico e não denominativo de espiritualidade pós-moderna, que aos poucos se tornou um fenômeno

mundial. Esse movimento adotou muitas ideias de Crowley, embora, em geral, numa versão mais branda, evitando aspectos mais violentos e sombrios. Com a influência de Crowley e de outros mestres da Aurora Dourada, a leitura de tarô se tornou uma atividade popular e largamente aceita.

O movimento da Nova Era deu às cartas de tarô um impulso significativo. Esse interesse renovado originou-se principalmente nos Estados Unidos e depois se espalhou por todo o mundo. Novos tarôs com desenhos variados começaram a aparecer com uma frequência cada vez maior; primeiro dezenas, mas com o tempo centenas a cada ano. Ao longo dos últimos anos, a internet acelerou esse processo, com pequenas editoras e artistas individuais distribuindo seus tarôs pelo globo. Hoje é possível encontrar uma grande variedade de cartas de tarô nas livrarias, lojas e sites de produtos esotéricos. Conseqüentemente, nunca houve tantas pessoas fazendo leituras de tarô.

A Nova Era não só popularizou o uso das cartas de tarô como praticado pela escola inglesa, como também o transformou. Os líderes da Aurora Dourada encaravam com muita seriedade seus métodos e rituais, suas tabelas de correspondências e seus graus de magia. O Movimento da Nova Era, por outro lado, é marcado por sua abordagem livre e descompromissada, que não se fixa em tabelas bem ordenadas, nem se prende à ideia de graus e autoridade. Com relação aos métodos de leitura e correspondências da Aurora Dourada, muitos livros de tarô da Nova Era reconhecem seu valor. Porém, eles são apresentados como um convite para a expansão e o enriquecimento da leitura das cartas, não com uma verdade absoluta.

Outra grande diferença entre o movimento da Nova Era e a Aurora Dourada é que os ensinamentos dos líderes da Aurora Dourada não têm uma dimensão psicológica. Eles falam de forças ocultas que existem “lá fora” e veem a leitura do tarô como um meio de nos comunicarmos com essas forças. No entanto, seguindo as ideias de Carl Gustav Jung, que ofereceu interpretações psicológicas dos símbolos místicos, o Movimento

da Nova Era começou a ver a leitura de tarô como uma maneira de nos conectarmos com nossa mente subconsciente. Em resultado, autores e mestres do Movimento da Nova Era começaram a se distanciar da divinação e das previsões de antigamente e passaram a ver a leitura de tarô principalmente como um meio de consulta, terapia e orientação pessoal.

O TARÔ DE MARSELHA

Com exceção de alguns tarôs fantasiosos, encomendados pela nobreza e pintados à mão, as cartas de tarô mais antigas que sobreviveram até os dias de hoje são baralhos impressos do século XVI. Até meados do século XIX, o método de produção continuou o mesmo. Linhas pretas eram impressas em grandes folhas de papel, a partir de placas de madeira impregnadas de tinta e desenhadas por artistas artesãos. Para acrescentar as cores, pranchas delgadas com gravações recortadas (uma para cada cor) eram colocadas sobre as folhas impressas e impregnadas de tinta, uma técnica de coloração conhecida como estêncil. Por fim, as folhas coloridas eram coladas num papelão duro e recortadas em forma de cartas. Esse método possibilitou a produção em massa de cartas para jogos em toda a Europa.

Inicialmente, os fabricantes de cartas de diversas regiões da Itália, França e outros países imprimiam diferentes versões do tarô. Nos séculos XVII e XVIII, porém, a cidade de Marselha, no sul da França, tornou-se uma referência na produção de cartas. Adotou-se um modelo padrão para as cartas de tarô e as cartas criadas ao longo dos anos passaram a variar nos detalhes e na riqueza das cores; os temas e elementos principais de cada uma delas, no entanto, permaneceram os mesmos.

O modelo usado em Marselha não era uma invenção puramente local. No século XVI, tarôs parecidos já eram produzidos no sul da França e no norte da Itália, e muitos dos elementos básicos remontam aos tarôs populares mais antigos que sobreviveram até o presente. Pelo que sabemos, o Tarô de Marselha pode estar muito próximo da versão original do tarô, como foi criado pela primeira vez, mas os fabricantes das cartas de Marselha deram a esse modelo uma forma mais madura. O papel desse

modelo foi importante na propagação do tarô, pois os tarôs marseheses tornaram-se conhecidos em toda a Itália. Quando os cabalistas franceses de Paris começaram a estudar o tarô, eles usavam cartas produzidas em Marselha. Sob sua influência, o modelo tradicional, que posteriormente se tornou uma ferramenta básica de místicos e cartomantes, tornou-se conhecido como Tarô de Marselha.

Os textos de Gébelin, de Eliphas Lévi e de seus seguidores não só tiveram grande importância para a escola francesa de tarô, como também serviram de ponto de partida para a escola inglesa. Em resultado, tanto a escola francesa quanto a inglesa aceitaram o Tarô de Marselha como o verdadeiro modelo das cartas tradicionais. Durante o século XX, porém, essas escolas divergiram no que diz respeito às ilustrações originais.

NOVOS TARÔS INGLESES

A escola inglesa de tarô não dava muita importância às ilustrações detalhadas

das cartas tradicionais. Os líderes da Aurora Dourada estavam muito mais interessados nos princípios místicos e filosóficos que, na opinião deles, havia por trás do tarô. Também acreditavam que era possível expressar esses mesmos princípios em outras linguagens simbólicas. Na verdade, achavam que essas novas representações eram ainda melhores do que as originais, pois eram baseadas nas tabelas de correspondências, muito mais ordenadas do que a história caótica das imagens tradicionais do tarô.

Conseqüentemente, no século XX, seguidores da escola inglesa começaram a criar um número cada vez maior de tarôs. Essas novas cartas em geral tinham a mesma estrutura que as antigas, mas cada uma delas possuía um estilo próprio de imagem e ilustração. Aos poucos, elas foram se afastando cada vez mais das cartas originais.

A principal inspiração para as novas cartas da escola inglesa era o tarô da Aurora Dourada mencionado anteriormente. Depois da desintegração da ordem, que só durou um breve período, vários dos seus ex-membros criaram seus próprios tarôs. Entre eles, Arthur Edward Waite, cujo tarô foi

bem recebido pelo movimento da Nova Era e se tornou o mais popular tarô do século XX, fora da França.

O tarô que carrega o nome de Waite foi, na verdade, criado sob sua supervisão por uma artista comissionada chamada Pamela Colman Smith, que era também uma iniciada da Aurora Dourada. Ele foi originalmente publicado em 1909 pela Empresa de Rider, sediada em Londres e, por isso, às vezes é chamado de Tarô de Rider-Waite. Hoje, é mais elegante chamá-lo de Rider-Waite-Smith (ou RWS). O tarô de Waite combina elementos de diferentes fontes, como o Tarô de Marselha, o Tarô da Aurora Dourada e outros tarôs. Além disso, muitos dos seus detalhes agora são considerados produtos da imaginação criativa de Smith.

Uma inovação importante do RWS foi o desenho das cartas numéricas dos Arcanos Menores, que Waite considerava principalmente um instrumento para a adivinhação. O desenho simples e abstrato das cartas numéricas do tarô de Marselha mostra apenas os símbolos dos naipes cercados por decorações florais. Mas as cartas numéricas do tarô de Waite mostram paisagens realistas, com figuras humanas em situações específicas. Essas cenas explícitas tornaram o tarô de Waite mais acessível para tarólogos iniciantes e contribuíram para a sua popularidade.

A maioria dos novos tarôs ingleses que apareceram no século XX adotou essa inovação. Normalmente, as cartas numéricas mostravam cenas basicamente tiradas das cartas do tarô de Waite, redesenhadas e adaptadas para o tema específico de cada tarô. A variedade de temas reflete a ampla gama de interesses do movimento da Nova Era. Alguns tarôs apresentam motivos extraídos de várias tradições religiosas e artísticas. Entre eles estão, por exemplo, tarôs inspirados na arte tradicional japonesa, africana, basca e nativo-americana, nos deuses vodu de Nova Orleans e muito mais. Outros tarôs mostram uma orientação feminista, um caráter de estilo hippie ou infantil, a inspiração de professores e gurus espirituais da Nova Era, motivos extraídos de vários campos científicos, personagens do reino animal em vez de figuras humanas e assim por diante. A maioria das novas cartas preserva a estrutura básica de cinco naipes do tarô tradicional. No

entanto, os detalhes de suas ilustrações costumam ter muito pouco, se algo, em comum com as cartas originais do Tarô de Marselha.

NOVOS TARÔS DE MARSELHA

Em contraste com a escola inglesa, autores e intérpretes da escola francesa geralmente atribuem mais importância aos detalhes das ilustrações tradicionais. Aceitando o Tarô de Marselha como o tarô genuíno, eles preferiram continuar usando-o, em vez de procurar versões novas e modificadas. Algumas cartas de desenho mais recente se originaram da escola francesa. As mais conhecidas entre elas têm o nome do seu criador, Oswald Wirth, mas seu uso permaneceu limitado.

O interesse da escola francesa pelos detalhes precisos das cartas tradicionais tornou-se especialmente significativo durante o século XX. Ironicamente, esse interesse chegou um pouco tarde demais. O processo industrial que passou a ser usado na impressão das cartas, na segunda metade do século XIX, provocou uma simplificação nos detalhes das imagens e um empobrecimento na variedade das cores. Quando a produção mecânica das cartas se tornou predominante, a linhagem contínua de mestres criadores de cartas, que transmitiam sua experiência de geração em geração, foi rompida e os antigos segredos do ofício se perderam.

Em resposta a essas perdas do século XIX, foram feitas várias tentativas durante o século XX para restaurar a profundidade original e a riqueza das cartas tradicionais de Marselha. Mas qual é exatamente o modelo tradicional? Muitos tarôs foram impressos em Marselha e, embora sigam o mesmo modelo básico, há uma grande variação nos detalhes mais sutis. Aqueles que pretendiam restaurar o modelo original tiveram que enfrentar a pergunta óbvia: entre todos os tarôs de Marselha que sobreviveram até os dias de hoje, qual é o mais próximo do “verdadeiro”?

Ao longo dos anos, surgiu um consenso geral entre os seguidores da escola francesa segundo o qual a versão mais autêntica do tarô tradicional é um tarô impresso em 1760 por um fabricante chamado Nicolas Conver. Não se sabe muito sobre o próprio Conver. Mas muitos livros influentes do

final do século XIX em diante mencionam esse tarô, afirmando que ele é a representação mais fiel e precisa dos antigos símbolos do tarô. Nenhum outro tarô tradicional conquistou tamanha estima.

Várias novas versões do tarô de Marselha apareceram no século XX, quase todas baseadas nas cartas de Conver. A mais popular é o Antigo Tarô de Marselha, criado em 1930 por Paul Marteau. Ele foi publicado pela Grimeau Company e dominou a cena do tarô francês por grande parte do século XX.

Outro tipo conhecido é a versão restaurada do Tarô de Marselha, criada na década de 1990 por Alejandro Jodorowsky, que foi meu professor de tarô na década de 1980, e por Philippe Camoin, pertencente à família que herdou a gráfica de Conver. Há também alguns outros tarôs menos conhecidos. O *CBD Tarot de Marseille*, cujas imagens acompanham este livro, também é uma restauração do tarô de Conver.

O *CBD TAROT DE MARSEILLE*

Quando comecei a escrever este livro, não planejava publicar o meu próprio tarô. Minha ideia inicial era usar ilustrações de uma das versões do Tarô de Marselha que já estavam impressas. Havia algumas opções disponíveis, mas o processo de negociação dos direitos autorais me fez. Considerei repensar isso como uma oportunidade de criar o tarô que eu sempre quis para mim: uma edição do Tarô de Marselha que capturasse sua magia da maneira mais efetiva, com a menor quantidade de distorções e omissões possível, e que pudesse ser usada para uma boa leitura.

A questão de onde procurar essa magia parecia simples. Entre as diferentes versões do Tarô de Marselha, as cartas de Conver, de 1760, claramente era a que mais se destacava. Pode-se dizer que ele está exatamente no ponto de transição entre as duas grandes eras da história do tarô. Por um lado, o tarô Conver é produto de quatro séculos de evolução e desenvolvimento. Ele apareceu pouco tempo antes das grandes mudanças do século XIX, embora ainda dê continuidade à antiga tradição dos primeiros tarôs populares. Por outro lado, entre todos os tarôs de

Marselha, este é o que mais impressionou as gerações posteriores de intérpretes do tarô e passou a ser considerado o mais próximo do “verdadeiro”. Ele também serviu de fonte principal para as novas restaurações do Tarô de Marselha do século XX.

Podemos pensar nisso da seguinte maneira. Evidentemente, as cartas de tarô têm algumas qualidades misteriosas que exercem um forte efeito sobre a mente das pessoas. A expressão concreta dessa qualidade “mágica” é o fato de essas cartas inspirarem e despertarem fortes emoções em tantas pessoas por tantas gerações. De tal ponto de vista, podemos concordar que o tarô de Convers, que se tornou o mais influente e apreciado de todas as versões tradicionais, é a que expressa com mais força essa magia das cartas de tarô. Mas até agora, não se encontrou uma versão tão prática e fiel ao original. Existem tarôs hoje em dia, em bibliotecas e coleções particulares, que são cópias fac-similares do tarô original. Mas essas cartas foram submetidas a séculos de uso e desgaste. Suas cores estão desbotadas e muitos detalhes das linhas estão faltando ou encontram-se desbotados. As pessoas compram esses tarôs para pesquisa e estudo ou como itens de colecionador, mas eles não são adequados para leitura.

Por outro lado, existem vários tarôs novos de Marselha baseados nas cartas de Convers, como os de Marteau e Jodorowsky-Camoin, mencionados anteriormente. Esses novos tarôs foram projetados para leitura, e são impressos em linhas claras e cores vibrantes, mas não são de fato fiéis ao original de Convers. Seus criadores mudaram muito os detalhes das cartas, acrescentando elementos de outros tarôs ou apenas dando-lhes novas formas de acordo com suas próprias ideias pessoais.

O motivo disso reside na visão básica que esses criadores tinham do tarô. De uma forma ou de outra, eles foram influenciados pela ideia de que o tarô original tinha sido concebido por um grupo de iniciados secretos e depois transmitido ao longo dos séculos, com erros ocasionais. Nessa visão posterior, cartas como as de Convers são apenas cópias degradadas do original e, portanto, devem ser corrigidas para que se tenha “o verdadeiro tarô”.

Minha visão é diferente. Em primeiro lugar, como já expliquei neste capítulo, a teoria da tradição secreta parece-me muito duvidosa do ponto de vista histórico. Segundo, mesmo se quisermos recuperar “o verdadeiro tarô” que supostamente existia no final Idade Média, não temos nenhum original disponível desse período. Portanto, na prática, o método utilizado pelos criadores dos novos tarôs era simplesmente pegar o tarô de Conver e modificá-lo de acordo com suas próprias ideias de “como deveria ser o tarô de verdade”. E terceiro – e, para mim, o mais importante –, o tarô não é uma representação de alguma mensagem existente no passado remoto e perdida desde então. Ele é, isto sim, uma misteriosa e mágica obra de arte, que evoluiu ao longo dos séculos e alcançou o seu apogeu no tarô de Conver. Portanto, em vez de tentar melhorar as cartas de Conver, eu queria permanecer fiel aos seus desenhos originais, minimizando os efeitos da minha própria interpretação.

Para esse propósito, usei cópias de vários baralhos das cartas originais de Conver. Esses tarôs foram confeccionados em datas diferentes, mas foram todos impressos a partir das mesmas xilogravuras originais. Eu precisei confiar em vários tarôs, pois cada um deles tinha diferentes detalhes borrados ou faltando. Quanto às cores, as cartas que usei diferiam um pouco, pois sua coloração tinha ficado desgastada após anos de uso, e em edições posteriores elas foram substituídas por cópias inexatas. De modo geral, eu me baseei na impressão mais antiga que eu tinha disponível, o que eu supunha ser, se não igual, o mais próximo do desenho original de Conver.

Um desafio especial em tudo isso foi o fato de que, nos tarôs de Marselha, e particularmente no de Conver, existem muitas anomalias nos detalhes das imagens. Há, por exemplo, objetos que se fundem com outros, formas ambíguas que podem ser interpretadas como partes de objetos diferentes, características anatômicas irregulares ou perspectivas impossíveis, colorações que quebram as formas dos objetos ou continuam além das bordas, irregularidades e inconsistências na ortografia do nome das cartas e assim por diante. Criadores de outros tarôs restaurados

tendiam muitas vezes a “corrigir” tais anomalias, mas sempre que possível eu preferiria mantê-las. Isso não é apenas porque eu desejava me manter fiel ao original, mas também porque elas intensificavam o sentimento de magia e mistério das cartas, abrindo-as para novas interpretações interessantes.

Ainda assim, o que tentei criar não foi uma cópia exata de um tarô de 250 anos, mas um tarô para ser usado por pessoas que leem o tarô nos dias de hoje. Isso significava que, por mais fiel que eu quisesse ser, ainda tinha que fazer alguns ajustes e modificações. É impossível reproduzir com exatidão as técnicas, os materiais para colorir, a qualidade do papel e a experiência humana da indústria de cartas do século XVIII. E mesmo se conseguíssemos imitá-los por meios artificiais, a impressão visual do observador seria completamente diferente. Nossos olhos e cérebro hoje estão acostumados a um mundo diferente de imagens e materiais gráficos. Isso é especialmente relevante na leitura das cartas, em que a “sensação” que o intérprete obtém da carta é o fator mais importante.

Essas considerações influenciaram meu trabalho com as cartas em vários pontos. Por exemplo, às vezes eu tinha que atenuar um detalhe anômalo que as técnicas modernas de impressão tornariam muito mais atraente. Eu fiz mudanças especialmente significativas nas expressões faciais, uma vez que uma cópia exata as teria tornado demasiadamente sombrias e depressivas para um tarólogo dos dias de hoje. Ainda assim, tentei preservar os traços físicos gerais. Além disso, como não havia maneira de reproduzir os tons originais dos pigmentos e das impressões que se faziam naquela época, tive que definir eu mesmo a escala de tons das várias cores. Isso significa que uma superfície vermelha das cartas da Conver ainda é uma superfície vermelha na minha versão, mas eu tive que decidir que matiz de vermelho usar. Para adaptar as cartas à sensibilidade visual dos tarólogos dos dias de hoje, testei versões iniciais com várias pessoas, algumas com conhecimento prévio de tarô e outras, não. E fazia as mudanças necessárias de acordo com as reações que recebia.

A maioria dessas considerações não decidi com antecedência. Elas surgiram como parte do processo, como se as cartas, e não eu, estivessem

tomando as decisões principais. Inicialmente, a ideia era empreender um projeto breve e simples, que levaria apenas alguns meses e serviria somente para ilustrar um livro. No entanto, uma série de circunstâncias aparentemente acidentais, assim como a sensação que eu tinha de que as cartas exigiam mais esforços, acabou me levando a um processo trifásico, com cada fase demorando cerca de um ano ou mais.

Inicialmente, uma ilustradora comissionada (Leela Ganin) copiou no papel, com caneta bico de pena, as linhas das antigas xilogravuras, baseando-se “a olho” no tamanho real. Depois um designer gráfico digital (Nir Matarasso) fez correções nos detalhes, adicionando o título das cartas com fontes copiadas dos originais, bem como colorindo os desenhos de Leela, escaneados em alta resolução. Por fim, depois de aprender as técnicas de gráfica digital necessárias, eu reformulei todas as linhas e áreas coloridas, comparando-as com as digitalizações das cartas originais, até que o resultado final parecesse ter o sentimento certo e um satisfatório grau de exatidão.

O resultado desse esforço foi publicado em 2011 como *CBD Tarot of Marseille* (sendo CBD as iniciais de Conver-Ben-Dov), e suas ilustrações aparecem neste livro. Detalhes adicionais sobre o tarô CBD e como ele pode ser adquirido estão disponíveis no site www.cbdtarot.com. O site também inclui fotos das cartas com base numa licença pública, que permite a distribuição gratuita de uma obra protegida por direitos autorais com um propósito não comercial. Para mais detalhes, consulte o site.

[1] No tarô medieval, o título da carta é *Le Mat*, adaptação do italiano *matto*, que significa “louco” ou “tolo”. (N.T.)

Copyrighted image

CAPÍTULO 2



A SESSÃO DE LEITURA DAS CARTAS

Embora as cartas de tarô possam ser lidas por um indivíduo ou numa situação de grupo, a sessão clássica de leitura consiste numa pessoa lendo as cartas para outra. Neste livro, nós nos referimos a esses dois participantes como consulente e intérprete. O consulente é quem procura conselhos sobre uma questão da sua vida. O intérprete é a pessoa que conduz o processo e interpreta as cartas para o consulente.

A estrutura básica da sessão de leitura do tarô é inspirada em suas origens, como método de adivinhação, embora a maioria dos intérpretes das cartas use hoje o tarô como um instrumento de orientação e aconselhamento, não para prever o futuro. Geralmente, o consulente fica

diante do intérprete, com uma mesinha baixa entre eles. A relação entre ambos é importante. Caso se trate de duas pessoas que já tenham um relacionamento próximo, elas podem se sentar em lados adjacentes ou do mesmo lado da mesa, voltadas para a mesma direção. Mas, quando o intérprete e o consulente são praticamente estranhos, esse arranjo pode parecer muito íntimo e é melhor que eles se sentem frente a frente, com a mesa entre eles, propiciando uma distância reconfortante.

A estrutura geral da sessão, que descreveremos em detalhes, é como se segue. O intérprete tira o tarô do seu invólucro e, em seguida, tanto ele quanto o consulente embaralham as cartas alternadamente. O intérprete coloca uma série de cartas na mesa, formando um desenho – chamado “tiragem” – e depois estuda as cartas e as interpreta para o consulente. Neste capítulo, discutiremos a dinâmica do encontro entre o consulente e o intérprete, enquanto, no Capítulo 3, nós nos concentraremos na leitura real das cartas.

TUDO É UM SINAL

A leitura das cartas de tarô envolve uma percepção particular da realidade. Na percepção normal do dia a dia, que às vezes é chamada de realidade consensual, as cartas são pedaços de papelão impressos e o embaralhamento é um processo aleatório. No entanto, quando lemos as cartas, mudamos para outra percepção da realidade na qual existe uma regra básica: tudo é um sinal.

Essa regra é, antes de tudo, expressa no fato de que interpretamos as cartas não como uma coleção aleatória de pedaços de papelão, mas como uma mensagem significativa para o consulente. No entanto, os sinais a serem interpretados não se limitam às cartas específicas da tiragem. Tudo o que acontece dentro e em torno da sessão de leitura também pode ser visto como um sinal. Em outras palavras, durante a sessão de leitura nossa percepção da realidade é que nada acontece por mero acaso. Tudo é um sinal.

Podemos começar a aplicar essa regra observando o comportamento do consulente. A maneira como ele se apresenta e formula sua pergunta, a escolha das palavras e o tom de voz, o grau de abertura e a exposição inicial – esses são todos sinais que expressam a atitude emocional do consulente em relação ao assunto em questão, em relação às cartas e no que diz respeito ao intérprete. A forma como o consulente embaralha as cartas – com autoconfiança ou hesitação – é um sinal. Se ele se desculpar por não saber como embaralhar corretamente, isso é um sinal. Se toca e reorganiza as cartas depois que são tiradas e estão sobre a mesa, o tipo de movimento das mãos e a mudança na disposição das cartas são sinais. A linguagem corporal e a posição em que ele se senta são sinais. Além disso, o estilo e as cores das suas roupas e acessórios, especialmente se eles se assemelham a detalhes das cartas, são sinais. Tudo é um sinal.

Ocorrências incomuns que acontecem durante a leitura também são sinais. Se, no embaralhamento inicial, certas cartas aparecerem várias vezes nas mãos do intérprete, isso é um sinal. Se, ao embaralhar, algumas cartas caírem das mãos do consulente, ele pode analisá-las e tentar entender o que significam. Talvez seja algo que não se encaixa na maneira como a questão foi formulada ou talvez seja uma mensagem que o consulente rejeite por ter dificuldade para encará-la. Se as mesmas cartas aparecerem várias vezes em tiragens consecutivas, isso é um sinal. Se elas aparecem em diferentes tiragens para o mesmo consulente, elas podem estar transmitindo uma mensagem especial; se as mesmas cartas aparecerem em várias sessões com consulentes consecutivos, isso pode ser uma mensagem para o intérprete. E se há uma vela no cômodo e sua chama de repente se mover ou emitir faíscas, ou se um ruído alto for ouvido do lado de fora, isso é um sinal enfatizando o que está sendo dito naquele exato momento. *Tudo é um sinal.*

Podemos não entender nem interpretar todos os sinais que aparecem. Alguns sinais entendemos apenas em retrospectiva, numa fase posterior da leitura. Os sinais também podem ter diferentes níveis de significado, que podemos descobrir paulatinamente. A princípio, podemos dar certa interpretação ao sinal e depois perceber que é possível entender esse sinal

num nível mais profundo. Não convém, portanto, tentar apreender todos os sinais de uma só vez. Em vez disso, é melhor nos esforçarmos para nos abirmos aos sinais, tomar nota deles quando aparecerem e usar nossa imaginação para encontrar seu possível significado. Este é um processo mais intuitivo do que racional. O significado provavelmente vai aparecer num momento de percepção repentina, em que subitamente vemos uma conexão entre o sinal – certo detalhe na ilustração da carta ou algo que aconteceu no espaço da leitura – e a vida do consulente.

O ESPAÇO DA LEITURA

As tradições de magia e feitiçaria muitas vezes prescrevem rituais elaborados para invocar forças ou entidades sobrenaturais. Independentemente de como interpretamos essas forças e entidades – seja de um ponto de vista mágico ou psicológico –, as regras desses rituais, comprovadas pelo tempo, podem nos ensinar algo sobre o caminho que devemos trilhar para transcender a realidade comum.

Uma característica essencial desses rituais é a separação entre o espaço e o tempo do ritual, por um lado, e o da vida cotidiana normal, de outro. Por exemplo, em várias tradições, os rituais mágicos são realizados dentro de um círculo bem marcado. Muitas vezes, para fortalecer seu efeito, palavras mágicas são escritas ao redor do círculo. De maneira semelhante, o tempo do ritual é marcado por ações simbólicas, como a consagração de objetos mágicos ou a limpeza energética dos participantes, o uso de velas ou de incenso e assim por diante. Essas ações representam um momento de transição entre o tempo comum da realidade cotidiana e a hora sagrada do ritual.

A leitura das cartas de tarô também requer que se vá além da percepção comum da realidade. Na realidade mundana, as cartas são pedaços de papelão embaralhados aleatoriamente. Mas, durante a leitura, nada acontece por acaso, tudo é um sinal. De acordo com os princípios já comprovados da tradição mágica, podemos realizar algumas ações simbólicas para marcar os limites da sessão de leitura no espaço e no

tempo. Dessa maneira, podemos claramente sentir a transição entre os dois domínios, à medida que mudamos de uma percepção da realidade para outra.

De acordo com o tipo de leitura, é possível ajustar o nível de cuidado e de esforço que investimos marcando os limites do espaço da leitura. Quando lemos o tarô com espírito informal e não comprometido – por exemplo, numa festa ou num barzinho –, pode ser que baste limpar um canto da mesa e dispor as cartas sobre ela. Mas, para uma consulta que aborde questões importantes da vida do consulente e que possa afetá-lo num nível emocional profundo, precisamos preparar um espaço sereno e bem organizado, com um ambiente tranquilo e uma atmosfera confortável.

É uma boa ideia remover, do espaço de leitura, objetos do cotidiano. Em vez disso, pelo menos durante a leitura, podemos usar figuras ou objetos que tenham um efeito simbólico e espiritual – imagens religiosas ou esotéricas, cristais, arranjos de flores, vasos de planta ou fontes de água e assim por diante. As cores do cômodo devem ser claras e agradáveis, e a decoração, simples e harmoniosa.

Ao fazer isso, podemos seguir os princípios estéticos das tradições místicas – o Feng Shui ou a filosofia zen japonesa, por exemplo – ou simplesmente agir de acordo com nosso próprio *feeling* e intuição. Em muitas tradições mágicas e místicas, é costume marcar os quatro pontos cardeais – norte, sul, leste e oeste. Podemos traduzir isso na linguagem simbólica do próprio tarô e colocar cópias de Ases nas quatro direções, de acordo com a tabela de correspondência do Capítulo 7.

Assim como o espaço de leitura precisa ter uma qualidade especial, como um templo ou um espaço sagrado, o tempo da leitura também deve ser claramente marcado para separá-la do tempo mundano da realidade comum. Uma maneira simples de se fazer isso é acender uma vela no início da leitura e apagá-la no final. Em certas tradições de adivinhação, é também habitual que se coloque um recipiente cheio de água na frente da vela, simbolizando os dois elementos complementares da Água e do Fogo.

Depois de acender a vela – observe que é melhor utilizar um fósforo do que um isqueiro –, podemos “coletar a luz” passando uma ou ambas as mãos sobre a chama para atraí-la, como se estivéssemos purificando a cabeça e o corpo com sua energia simbólica. Um gesto semelhante é feito pelas mulheres judias que acendem as velas do Sabbat e pelos hindus em seus templos.

Também é uma boa ideia fazer uma pausa, a essa altura, para evocar um momento de autoconsciência, fazer uma breve meditação ou mesmo uma oração silenciosa antes de começar a leitura. Alguns tarólogos preferem acender a vela antes do consulente entrar na sala, para que a presença dele não os distraia. No entanto, há uma vantagem em se fazer isso na presença do consulente, pois ele também poderá sentir o caráter especial do momento e entrar num estado de serena concentração. Também podemos marcar a entrada no espaço de leitura tirando os sapatos. Essas ações devem estar, obviamente, de acordo com as sensibilidades do intérprete e do consulente. Por exemplo, algumas pessoas podem apreciar o aroma do incenso, enquanto para outras ele pode ser um incômodo.

COMO MANUSEAR AS CARTAS

Desenvolver um relacionamento próximo com as cartas do nosso tarô é um processo gradual. O novo baralho geralmente chega numa embalagem de papel celofane e dentro de uma caixa de papelão. Nessa fase, as cartas ainda são um produto industrial anônimo, idêntico a milhares de outros que saíram da mesma máquina. Mas, a partir do momento em que abrimos a caixa e tocamos as cartas, elas se tornam as “nossas cartas”. A partir de então, elas passam a fazer parte da nossa história de leituras, acumulando nossas próprias energias emocionais e impressões digitais e as dos nossos consulentes e, às vezes, as lágrimas deles. Assim, a primeira vez que abrimos a embalagem que contém as cartas é um momento especial no relacionamento com o nosso tarô.

Uma boa ideia é abrir as cartas pela primeira vez com uma pequena cerimônia, num lugar calmo e isolado. Podemos preparar o local e a hora da